INFORME FINANCEIRO MBPREV – 04/2023

CENÁRIO INTERNACIONAL:

Embora superada rapidamente, a crise de desconfiança no setor bancário nos USA em março gerou redução do crédito para o setor privado. Com isto, em **abril**, os dados passam a mostrar perda de ritmo da economia americana, queda da inflação e dos juros futuros. Neste ambiente, o valor dos ativos de risco tem recuperação e os preços dos títulos do governo americano caem. Isso significa que com uma inflação menor e crescimento, o mercado já discute se o próximo aumento dos juros será o **último do Fed** (Banco Central dos Estados Unidos) neste ciclo. Com isto, as empresas voltaram a se valorizar no mercado e o retorno dos títulos públicos subiram. Por fim, devemos lembrar o impasse para elevar o teto da dívida dos USA. Embora ainda não tenha tido maiores impactos sobre os preços dos ativos, a possibilidade de um não pagamento da dívida dos USA pode vir a gerar aumento da incerteza e da volatilidade. Já nos outros países, os **dados de abril** indicam recuperação lenta nas economias europeias (Zona do Euro e Reino Unido), enquanto a China aumenta seu crescimento no 1° trimestre.

NO BRASIL:

No Brasil, a proposta do novo arcabouço fiscal gerou mais incerteza em abril. Embora seja capaz de evitar trajetórias explosivas do endividamento, o arcabouço não é capaz de reduzi-lo. Além disto, o governo propõe enfraquecer a Lei de Responsabilidade Fiscal. Com isto, o Ibovespa fica estagnado. Mas, a entrada de capital estrangeiro atraído pelo diferencial de juros manteve o dólar em queda. Os dados econômicos continuam sinalizando crescimento em queda neste início de 2023. A inflação continua em queda mas ainda longe da meta que é de 3.25% para 2023. O IPCA de março teve alta anual de 4.65% e o IPCA-15 de abril teve alta de 4.16%, abrindo espaço para o Banco Central do Brasil começar a discutir a redução dos juros (embora as expectativas de inflação do Boletim Focus para 2023 e 2024 continuam subindo, as de 2025 e 26 estabilizaram).Para os próximos meses, as perspectivas da economia brasileira e dos preços dos ativos continuam a depender: (i) do avanço das reformas; (ii) do controle do risco fiscal e inflacionário; (iii) da política monetária nos USA. O governo enviou ao Congresso o projeto com o novo marco fiscal no final de março, que reduz a possibilidade de aumentos explosivos da dívida. Mas, é claro que não é capaz de gerar queda do endividamento, exceto se o crescimento do Brasil ficar continuamente acima de 4% e/ou com aumento de impostos.

Além disto, o projeto enfraquece a Lei da Responsabilidade Fiscal (o Art. 9º é reescrito). Com isto, aumenta a incerteza, o risco fiscal e tributário.

RENDA FIXA:

A curva de juros local recuou mais uma vez, seguindo a tendência global. As quedas mais relevantes ocorreram novamente nos vencimentos mais longos. A julgar somente pelo comportamento da curva de juros, o mercado tem a impressão de que o texto do novo arcabouço fiscal foi bem recebido pelo mercado, o que não casa com as críticas generalizadas que vem recebendo. Observa-se que o risco-Brasil vem se reduzindo de maneira relevante desde o pior momento de novembro, quando a PEC da transição foi votada e aprovada. Segundo este indicador, estamos no melhor momento dos últimos 12 meses. Esse comportamento dos ativos de risco tem mais relação com o cenário externo do que com o cenário doméstico. O fim cada vez mais próximo do ciclo de aperto monetário por parte do Fed (Banco Central americano) tem levado a uma reavaliação do risco dos países emergentes, e o Brasil, por ser uma economia mais volátil do que a média, acaba por refletir de maneira mais intensa essa melhora do cenário. No entanto, se o cenário doméstico igualmente não colaborasse, não estaríamos surfando essa onda de melhora (vide, por exemplo, o caso da Argentina). Portanto, apesar das críticas, o anúncio do arcabouço fiscal, de alguma forma, serviu para afastar, pelo menos por ora, a percepção de risco sobre a trajetória da dívida pública.

RENDA VARIÁVEL:

A bolsa brasileira apresentou boa performance relativa no mês, subindo 3,5% em dólar e 1,9% em moeda local, seguindo a percepção de melhora do risco-país, que também afetou positivamente as taxas de juros e o câmbio. No entanto, o cenário para as empresas brasileiras continua delicado, com as altas taxas de juros e o aperto de crédito juntando-se à necessidade de o governo aumentar a arrecadação para manter em pé o novo arcabouço fiscal. Para tanto, pode ser necessária a mudança de regime de tributação de alguns setores, o que deixa uma sombra de incerteza sobre a projeção de lucros futuros de uma série de empresas

O que isso Impacta nas carteiras da MBPREV?

Os investimentos da carteira **conservadora** que são compostos por 100% renda fixa, obteve a rentabilidade **positiva** em abril de 2023 de **0,88%,** contra o **CDI de 0,92%** no mês**. No ano o conservador acumula uma alta de 3,97%**

Já na carteira **moderada**, a rentabilidade em abril de 2023 fechou no campo **positivo, 0,89%, acumulando uma alta de 2,52% no ano.**

E por fim, carteira **arrojada** obteve uma rentabilidade **positiva** no mês de abril de 2023 de **0,94%**, **acumulando uma alta de 1,75% no ano**.

Luciana Bassan- Diretoria Financeira – AETQ 05.05.2023

Informe baseado nas fontes APEX, Western, SPX e Valor Econômico.